

INTERCULTURALIDADE, LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA: AS HISTÓRIAS DA PERSONAGEM MAFALDA

Rosane Salete SASSET¹
Salete BORINO²
Moisés José Rosa SOUZA³

RESUMO

A Língua Portuguesa é um instrumento de acesso ao conhecimento e exercício da cidadania, na medida em que discute interculturalmente temas diversos. Dessa forma, novas práticas metodológicas são indispensáveis para que o ensino e aprendizagem da língua materna seja proposto e aceito por professores e estudantes, ultrapassando obstáculos e preconceitos. Neste artigo, objetivou-se trabalhar o gênero textual Histórias em Quadrinhos/tiras, com alunos do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, a fim de refletir acerca da interculturalidade no ensino da Língua Portuguesa e suas implicações na leitura e na produção textual. No percurso metodológico, foram considerados os aspectos característicos do gênero textual em questão e sua relação com o ensino da língua materna. Foi dada ênfase às tiras da personagem Mafalda, cujas histórias analisadas apresentam uma visão bastante crítica da realidade e com um forte traço político que se mantém atual e possibilita a leitura de diversas temáticas pertinentes ao ensino e aprendizagem da língua portuguesa e da interculturalidade. Autores como Candau (2009), Marcuschi (2011), Dantas (2012), Mendes (2011), Vergueiro (2009) entre outros, serviram como aportes para a fundamentação teórica da temática pesquisada. Como resultados, evidenciou-se que as tiras das Histórias em Quadrinhos podem ser bastante relevantes para o ensino e aprendizagem da língua materna, no tocante à leitura, à produção de textos e, ainda, na compreensão das questões interculturais, pois, tanto na expressão verbal quanto não-verbal da personagem Mafalda, encontram-se recordações, costumes, forma de pensar, sentir e agir em um contexto sociocultural determinado, que favorecem as práticas discursivas.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos/tiras; Leitura; Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa; Interculturalidade.

1 IFRO – *Campus* Colorado do Oeste/RO/Brasil. rosane.sasset@ifro.edu.br

2 IFRO – *Campus* Colorado do Oeste/RO/Brasil. salete.borino@ifro.edu.br

3 IFRO – *Campus* Colorado do Oeste/RO/Brasil. moises.souza@ifro.edu.br

1. A funcionalidade da língua portuguesa e as ações de interação

A escrita não é um veículo para se chegar à essência. A escrita é a viagem, a descoberta de outras dimensões e mistérios que estão para além das aparências.

Mia Couto

A atividade mais complexa e trabalhosa desenvolvida pela escola refere-se à expressão escrita da criatividade, da imaginação, do pensamento e das opiniões. Fomentar ações para minimizar paulatinamente essa dificuldade deve ser intento de todos que estejam ligados à educação.

Com um conhecimento solidificado no registro do que se pensa, o ser humano pode proporcionar melhores condições de vida a si e aos que lhe são próximos, tornando-se livre e, sobretudo, parte integrante de um processo cultural e de aprimoramento em todas as áreas do conhecimento.

A escola, dentre as suas várias funções e importâncias, tem a de contribuir para a formação de cidadãos, possibilitando-os tornarem-se seres autônomos, críticos e conscientes do seu papel social. Para alcançar tal êxito, a formação precisa pautar-se na excelência ou pelo menos objetivá-la sempre. Quanto a essa questão, as disciplinas ligadas às Linguagens, Códigos e suas Tecnologias têm papel preponderante, dentre elas a Língua Portuguesa, com todos seus matizes nos usos efetivos sociais, na perspectiva de compreensão e expressão dos mais variados assuntos e, ainda, na interação com aqueles que são próximos ou com os que com ela mantêm contato. A língua, neste sentido, é compreendida como *corpus* social, sob a ótica da funcionalidade a partir das ações de interação de seus usuários. A esse respeito Antunes (2009) esclarece:

Em primeiro lugar, a língua é uma atividade funcional. Isto é, as evidências nos dizem que nenhuma língua existe em função de si mesma, desvinculada do espaço físico e cultural em que vivem seus usuários ou independente de quaisquer outros fatores situacionais. As línguas estão a serviço das pessoas, de seus propósitos interativos reais, os mais diversificados, conforme as configurações contextuais, conforme os eventos e os estados em que os interlocutores se encontram. (Antunes, 2009:35)

Compreender a língua como instância social, responsável pelo intercâmbio ininterrupto de trocas simbólicas e representacionais entre seus usuários, é tão urgente e necessário como usá-la competentemente no dia a dia, em seus vários

domínios e dimensões discursivas. Para compreender, o indivíduo precisa de dois domínios – o ouvir e o ler – e para expressar-se, lança mão de outros dois – o falar e o escrever. Este último talvez seja o que mais sofre resistência por parte da maioria. Então é imperativo fomentar ações que possam tornar a expressão escrita possível e, eminentemente, presente entre os que estão em formação, seja ela básica ou superior.

Mas essa questão torna-se um problema quando ouvimos de parte considerável da população (aqui se incluem pessoas dos mais diversos segmentos e, claro, alunos) que não sabe escrever ou tem muita dificuldade em expressar-se em língua escrita. Esse fato evidencia algumas questões que precisam, primeiramente, ser analisadas para, em seguida, serem gradativamente amenizadas ou resolvidas. Sabe-se que a leitura e a escrita são fundamentais para que o ser humano possa apropriar-se dos mais diversos conhecimentos que são inerentes às diferentes áreas que formam parte do nosso universo intelectual.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, no que se refere aos conhecimentos relativos à Língua Portuguesa, apontam para o ensino e aprendizagem da língua materna como sendo um processo em que a construção dos saberes constantes nos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade ocorre de forma contínua e através de diferentes universos semióticos.

2. Gêneros textuais: o caminho a seguir no ensino da língua portuguesa

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica – DCNEB (BRASIL, 2013) caberá a Língua Portuguesa servir como uma ferramenta de comunicação que possibilitará o acesso à informação como sendo um exercício da cidadania. Para isso, é necessário que sejam adotadas estratégias de ensino e aprendizagem que visem a oportunizar aos estudantes alternativas que lhes possibilitem o acesso aos diferentes saberes. Além disso, que consigam articulá-los como sendo conhecedores dos princípios científicos e tecnológicos que norteiam a produção do mundo globalizado e encontrem-se conectados com as mais diversas formas de linguagem.

Também os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (BRASIL, 1998) assinalam para que seja adotada uma abordagem do ensino da Língua Portuguesa voltada à exploração da diversidade textual que está acessível ao aluno através dos mais diferentes meios. Essa diversidade textual perpassa pela utilização dos gêneros textuais que apresentam grande relevância no ensino da leitura e das práticas discursivas.

A respeito dos gêneros textuais, Marcuschi (2011) se posiciona dizendo que

Existe uma grande variedade de gêneros e de teorias de gêneros no momento atual, mas pode-se dizer que as teorias de gênero que privilegiam a forma ou a estrutura estão hoje em crise, tendo em vista que o gênero é essencialmente flexível, tal como seu comportamento crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social interativo, cognitivo, evitando a classificação, a postura e a estrutura (Marcuschi, 2011:19).

Assim, há um leque bastante significativo de gêneros de textos que estão à disposição dos docentes para que possam organizar suas práticas de leitura. Essa variedade proporciona condições de delinear estratégias de ação ancoradas na seleção de determinado gênero textual que conduza à realização de práticas discursivas, permitindo a discussão de temáticas e propiciando o desenvolvimento do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa integrada com aspectos da interculturalidade.

Quando se trata do ensino e aprendizagem de línguas, as questões interculturais adquirem especial significado, uma vez que envolvem reflexões sobre a língua/linguagem, cultura/identidade, dentre tantos outros aspectos que devem ser considerados quando se pretende ensinar/aprender outra língua. Para Mendes (2011:140) a língua passa a desempenhar uma função intercultural quando “mais do que um objeto de ensino passa a ser a ponte, a dimensão mediadora entre sujeitos/mundos culturais, visto que seu enfoque se dará nas relações de diálogo no lugar da interação”.

É nessa perspectiva intercultural, com intuito de estreitar as relações entre as práticas discursivas e as práticas sociais que se pretende estimular a leitura e a produção textual considerando o gênero *tiras*, que veremos nos tópicos a seguir.

2.1 Histórias em quadrinhos: hipergênero que abrange o gênero *tiras*

As histórias em quadrinhos despontaram no final do século XIX, nos Estados Unidos, como comunicação em massa, entretanto foi a partir do final da Segunda Guerra Mundial que se tornaram mais populares. O surgimento, nas histórias em quadrinhos, de personagens distintos cativou leitores de todas as idades.

De acordo com Mendonça (2010:209)

é de fato incontestável que jovens leitores (e nem tão jovens assim) deleitam-se com as tramas narrativas de personagens diversos, heróis ou anti-heróis, montados através do recurso de quadrinização. Entrevistas realizadas com alunos do ensino fundamental de escolas públicas e privadas demonstram que sua preferência em termos de materiais de leitura recai sobre as histórias em quadrinhos (HQs).

Diante disso, a utilização das histórias em quadrinhos nas atividades de leitura passou a ocupar um espaço cada vez maior dentro do universo escolar. E, de acordo com Vergueiro (2009:07), “sem dúvida, os quadrinhos representam hoje, no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa de grande penetração popular”. Contudo, há que se salientar que essas histórias foram conquistando esse espaço paulatinamente e compõem um hipergênero, um campo que abrange distintos gêneros independentes tais como os cartuns, as charges, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e as mais diversas formas de escrita do gênero que apresentam atributos comuns, são narrativas com linguagem própria quadrinística – balões, onomatopeias, dentre outras, que permitem o leitor identificar que se trata de um texto que nos conduz a uma história em quadrinhos (Ramos, 2009).

Desta forma, as tiras são um gênero textual e, de acordo com o que diz Mendonça (2010:214) “são um subtipo de HQ; mais curtas (até 4 quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético, podem ser sequenciais (“capítulos” de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia)”.

Por conter nelas as linguagens verbal e não-verbal, auxiliam na consecução da motivação por parte do aluno. Essas duas linguagens representam dois textos distintos, porém harmônicos. No ato da leitura, o sujeito precisa dispor de artifícios interpretativos em que se levem em conta as duas linguagens e as duas formas de abordagem de um mesmo assunto. Sobre a questão, Akahoshi (2012:256), citando Orlandi (1992), afirma:

A interpretação do texto mão-verbal se efetiva por um efeito de sentidos que se instituem entre o olhar, a imagem e a possibilidade do recorte [...], a partir das formações sociais em que se inscrevem tanto o sujeito-autor do texto não-verbal, quanto o sujeito-espectador.

Assim, as tiras podem ser empregadas no aprendizado da leitura e da escrita permitindo o desenvolvimento de inúmeras atividades, desde a análise e a interpretação até a produção dos mais variados textos que beneficiam o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. As temáticas exploradas por esses textos destacam críticas a respeito dos aspectos políticos, econômicos e sociais da sociedade globalizada; além disso, colocam em discussão questões da vida familiar, formas de viver em sociedade, costumes arraigados em cada comunidade, temas voltados à realidade escolar, aspectos culturais, dentre outros. Dessa forma, possibilita a formação de cidadãos críticos, autônomos e independentes inseridos em uma sociedade em constantes mudanças, que se utiliza da leitura como um mecanismo de reflexão do mundo globalizado.

3. Mafalda: um recurso de contestação

A personagem Mafalda é uma menina argentina de seis anos que, pelo seu discurso, apresenta-se como rebelde, questionando tudo à sua volta. O nome Mafalda também denomina a tira escrita e desenhada pelo cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado, o popular Quino. Em suas incursões analíticas, contrapõe seu estado/perfil, pois o que se espera de uma garotinha de seis anos é comportamento infantil, de maneira a considerar as causas e as consequências dos acontecimentos, sempre numa visão humanística e crítica. Umberto Eco (1993:XVI), afirma que “Mafalda não é uma heroína. É uma anti-heroína. Não aparece para salvar as pessoas, aparece para criticar comportamentos e situações e pôr a sociedade em questionamento”.

Essa característica de Mafalda, ser uma criança, funciona como impeditivo de qualquer censura por parte do leitor. Este percebe nas palavras de Mafalda o humor crítico em relação à realidade sócio política do país de origem, mas não se constrange ou nega questão refletiva. Por que tudo isso? Porque é uma criança e carrega consigo uma imagem infantil que se mostra inofensiva. Se se tratasse de um adulto, seria recorrente que o leitor o considerasse como um ser político ideológico histórico, impedindo que suas incursões alcançassem reflexão e humor.

3.1 Mafalda: caminhos interculturais

*No tiene importancia lo que yo pienso de Mafalda.
Lo importante es lo que Mafalda piensa de mí.
Julio Cortázar*

Nas palavras de Julio Cortázar, percebe-se a dimensão que a personagem Mafalda, filha de uma típica família da classe média argentina da década de 1960, atingiu. Mafalda segue atual por falar das inquietudes diante da realidade social, política e econômica que marcam a sociedade globalizada. As reflexões que surgem nas tiras protagonizadas por Mafalda e sua turma ultrapassam as fronteiras geográficas e temporais, pois mesmo tendo sido produzidas nas décadas de 1960 e 1970 continuam a dialogar com o contexto atual e seguem percorrendo a imaginação de leitores oriundos de nações culturalmente diferentes. Nesse sentido, Candau (2014) pondera que se deve levar em consideração que

A interculturalidade aponta à construção de sociedades que assumam as diferenças como construtivas da democracia e sejam capazes de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias entre os diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados. (Candau, 2014:28)

Assim, a interculturalidade nos permite considerar o diálogo, a interação e a transformação das relações sociais, em toda a diversidade cultural como uma atitude positiva e não de inferioridade deste ou daquele. Ainda, segundo Dantas (2012:17), “a interculturalidade só se produz quando um grupo começa a entender e a assumir o significado que as coisas e os objetos têm para os outros.”

Nas histórias de Mafalda, desenvolve-se um olhar com características bem distintas de fatos corriqueiros do cotidiano. Esse olhar transpõe a particularidade, a proximidade e o familiar e expressa o intercultural. O olhar crítico sobre situações cotidianas da família, do convívio em sociedade, e as situações sócio políticas faz com que o leitor se reconheça nessas relações, sinta-se envolvido e se reconheça nas atitudes da personagem independente da época, e do seu país de origem.

3.2 Mafalda na visão dos alunos do IFRO Campus Colorado do Oeste

Tira I



Lavado.1993. Toda Mafalda. p. 104

Na tira acima, a personagem Mafalda, diante de um globo representativo do mundo, faz um paralelo entre este reduzido e o mundo real. Os alunos, colocados na condição de analisadores do texto, expressaram suas opiniões nos seguintes discursos:

Mafalda faz uma crítica ao mundo em que vive, comparando-o a um desastre devido aos problemas sociais que ocorrem diariamente, deixando nosso mundo “feio”, o que não pode ser representado no globo terrestre, por isso o mundo reduzido é bonito. (L. R. e S. L.)

Mafalda questiona como o mundo real tem seus defeitos como guerras, fome e desigualdades sociais, comparando-o com um globo em miniatura que é bonito aparentemente. Mafalda, na verdade, contextualiza o período pós guerra, e sua fala demonstra a miséria humana. (E. S. G. e D. C. T. S.)

Mafalda critica o mundo real, aquele globo desenhado não retrata a natureza precária, cheia de fumaça, lixo, desmatamento, seca e fome. Ele é apenas um desenho com os continentes e os oceanos. (D. C. e T. F.)

As análises feitas pelos alunos, e isso é plenamente justificável pela pouca idade, são pouco profundas. Todos eles se pautaram em analisar apenas o superficial, o que está visível. Em nenhum dos discursos, colocaram-se como parte desse mundo, responsáveis pelo que há de bom ou ruim, ou, ainda, depois de reconhecidos os problemas, como agentes que devem promover as mudanças necessárias para tornar o mundo diferente do que é.

É imperativo reconhecer o papel que a escola tem nesse contexto. Esperar que o aluno por si só alcance uma dimensão interpretativa capaz de compreender profundamente causas e consequências dos fatos, sem intervenção exterior, é atitude pueril. As pontes que devem ser estabelecidas pela escola, mediadas pela língua,

precisam fomentar habilidades no aluno com vistas a transformar a visão simplória sobre as coisas para uma compreensão expandida do que há.

Tira II



Lavado.1993. Toda Mafalda. p. 184

O tema da tira acima explora a visão segundo a qual, se há problemas, é porque os governos não fazem nada. No texto verbal, há um trocadilho com o termo *nada*. No quadrinho II, *nada* representa uma negativa a uma suposta bagunça das crianças. No terceiro, *nada* é relativo a não-ação dos governantes. A mensagem é reforçada pela imagem do terceiro quadrinho, em que as crianças estão em posição de descanso em torno da mesa vazia.

Os alunos tiveram as seguintes compreensões:

As pessoas de modo geral pensam igual à tira, pois o governo, assim como Mafalda e seus amigos representaram, não faz absolutamente nada. (L. R. e S. L.)

Mafalda faz uma crítica em tom irônico, afirmando que não faria nada, ou seja, assim como o governo não faz nada para mudar a situação de corrupção em que o país se encontra. (E. S. G. e D. C. T. S.)

Mafalda fala sobre a atuação do governo que deixa a desejar em seus deveres com a sociedade. Essa é a atitude que nos faz compreender a ironia e a crítica da tira que relata a não-ação do governo. (G.F., J. V. S. D. e S. L.)

Ao considerar o conteúdo da tira e as análises dos alunos, é absolutamente compreensível o porquê das respostas. Elas certamente advêm da realidade social em que se encontra a maioria dos países latinoamericanos, dentre eles o Brasil. O *nada*, ou seja, o fazer nada dos governantes, é a causa dos problemas que vivemos cotidianamente. Percebe-se, pelas respostas, que consideram como causas da realidade a reles condição socioeconômica e a questão política, acentuada pela ingerência das autoridades.

Tira III



Lavado.1993. Toda Mafalda. p. 204

O tema da tira acima refere-se ao Capitalismo, ou antes, à exacerbada desigualdade perpetrada pela riqueza capitalista. Vê-se, também, a questão da valorização do padrão dos trabalhadores de países ricos em detrimento aos de países cuja situação econômica é desfavorável. Sobre a mensagem contida na tira, assim analisaram os alunos:

Susanita tem inveja porque seu país não é igual aos EUA, e o que ela deseja é que seu país seja capitalista como os americanos que compram carro, roupas e são bem vistos no mundo. Fica clara a desigualdade social entre as mesmas classes, mas em diferentes países, bem como a visão que os países em desenvolvimento têm dos mais capitalistas. (S. L. e L. V. R.)

No questionamento de Susanita, no último quadrinho, percebe-se que o capitalismo remete à desigualdade e à indiferença, o que condiciona a inveja dos desfavorecidos. (J. S.L e G.F.)

Mafalda mostra-se indignada com os questionamentos fúteis de Susanita, que vê a ascensão financeira como sendo favorável somente aos loiros, lindos e nascidos nos EUA. (W. S. e W. C.)

A realidade trazida pela tira evidencia algumas das facetas do Capitalismo, sistema econômico que visa, em tese, à produção de riquezas e à obtenção de lucro. A contradição reside no fato de essas riquezas serem mal repartidas o que, portanto, leva à desigualdade, não só financeira, mas, sobretudo, no estilo e padrão de vida dos trabalhadores.

Interessante notar que as análises dos alunos têm sensíveis pontos de contato. O que chama a atenção são as diferenças. Na primeira análise, perceberam certa inveja da personagem Susanita em relação aos padrões e perfis dos trabalhadores americanos do norte. Lá os trabalhadores podem comprar *carro, roupas e são bem vistos no mundo*, ao passo que, em seu país, o mesmo não acontece, surgindo daí, na visão dos alunos, a

desigualdade social. Neste mesmo turno, a segunda análise é afim à primeira. Os alunos também referem-se à questão da suposta inveja que Susanita nutre dos americanos. Os estudantes condicionam a inveja como consequência da desigualdade existente entre os trabalhadores de cá e os de lá, já que os de lá são *loiros, lindos e têm carro*.

Os alunos, na terceira análise, trazem-nos uma reflexão mais política, interessante e profunda. Surpreende-nos, positivamente, o fato de eles (alunos) reconhecerem, nas palavras de Mafalda, ao se mostrar *indignada com os questionamentos fúteis de Susanita*, a real leitura do conteúdo da tira. Enquanto Susanita percebe as diferenças entre os trabalhadores de lá e cá e sente inveja, Mafalda parece conseguir notar que o problema é mais sério: que as diferenças existentes independem do fato de os trabalhadores serem loiros, lindos e terem carro, mas são resultantes do sistema capitalista perverso, sentido em maior dimensão nos países latinoamericanos, como a Argentina, país de origem das personagens. Pela terceira resposta, é evidente que os alunos também reconheceram que a questão é muito mais grave, complexa e é oriunda das facetas do Capitalismo.

Tira IV



Mafalda nesta tira sempre está avisando Felipe sobre sua lição e que seu tempo para fazê-la está se esgotando, ou seja, ela está criticando as pessoas por fazer as coisas de última hora, usando o termo idiosincrasia nacional para definir o indivíduo que sofre diferentemente os efeitos da mesma causa. (J. V. e S. L.)

Observando parece que diz respeito a tradições ou modelos de comportamentos negativos assimilados pela cultura nacional e, por isso, difundidos. Ao que parece, as pessoas não percebem ou não fazem questão de corrigir tais comportamentos; isso pode ser comparado ao típico jeitinho brasileiro. (M. K. P. e N. D.)

Na tira Mafalda demonstrou o defeito da nação em procrastinar os afazeres, como é representado por Felipe em deixar as tarefas escolares de última hora. (L. V. e E. G.)

As respostas dadas pelos alunos evidenciam uma das atitudes negativas do povo brasileiro. Todos eles fizeram referência, direta ou indiretamente, ao “jeitinho brasileiro”, ação necessária devido à postergação dos afazeres. O que se nota, por outro lado, em contraponto à necessidade de se recorrer a esse artifício, é a falta de disciplina para se realizar aquilo que é preciso. Essa tira de Mafalda, como quase todas as outras analisadas, desnuda características que precisam ser combatidas. Leva-nos, ainda, à reflexão, possibilitando uma conseqüente mudança de postura. O personagem Felipe pode muito bem representar o comportamento de muitos que, levados pelo desleixo em realizar tarefas importantes, pode comprometer o andamento de ações coletivas.

A situação tende a se tornar mais crítica quando algumas pessoas, sem os questionamentos necessários, consideram o “jeitinho brasileiro” como algo positivo. Muitas são incapazes de perceber a permissividade dessa ação. Isso pode ser compreendido, uma vez que esse comportamento parece fazer parte da cultura do brasileiro. Isso concorda com:

La identidad cultural se refiere al grado en que una persona se siente conectada, parte de un grupo cultural, al propio grupo de referencia en el que ha crecido: incluye una compleja combinación de factores, tales como auto identificación, sentido de pertinencia o exclusión, deseo de participar en actividades de grupo. (Paraquett, 2011:56 *apud* Martinez et all 2007:37)

Está aí, portanto, um desafio para a educação de hoje: mitigar paulatinamente esse conceito que tanto impede a busca pela sua excelência. Ensinar os alunos que não se deve recorrer a artifícios ilegítimos é condição necessária para que eles alcancem verdadeiramente sua autonomia cidadã. Para tanto, o professor tem papel preponderante. É imprescindível que favoreça em sala de aula discussões acerca do que é ou não legítimo numa sociedade que se quer evoluída.

Tira V



Lavado.1993. Toda Mafalda. p. 104

A tira em questão aborda um assunto muito sério e presente. A China de antes que “só fazia provérbios”, nas palavras de Mafalda, não existe mais. O que há é uma superpotência econômica que domina as linhas de produção mundial, fabricando tudo a baixo custo. Vamos às análises dos alunos:

Mafalda critica ironicamente o avanço mercantil alcançado pelos chineses no decorrer do tempo [...] hoje a China é uma das grandes potências econômicas mundiais e somos dependentes dos produtos produzidos por estes. (G. F. e W. M.)

Mafalda, como sempre, está fazendo críticas a determinado assunto da sociedade. Nesta tira ela demonstra a evolução dos chineses que ultimamente fazem absolutamente de tudo e abastecem o mundo, sendo que antigamente apenas faziam provérbios. (J. V. e S. L.)

Mafalda critica os chineses porque a China quebra a economia de outros países, pois antes quando faziam provérbios não afetavam os outros países economicamente. Agora que passaram a criar produtos de baixo preço, ocasionam a quebra financeira de outros países. (D. C. e R. S.)

Os alunos perceberam o poder atual dos chineses, mas, pelo menos nas análises, não há menção sobre como os chineses conseguem, em parte, mover a produção mundial. Não houve referência, em nenhuma das respostas, ao fato da mão de obra escrava ou semiescrava, sabida em todo o mundo.

Considerações Finais

Neste trabalho, os termos interculturalidade, leitura, compreensão e produção de textos, mediados pela Língua Portuguesa, estiveram em destaque. A língua tem este poder: o de promover, popularizar e integrar culturas. Por meio dela, a partir da leitura, percebe-se o mundo e, percebido, é possível ao leitor tornar-se produtor de discursos que, paulatinamente, vão formando novos conhecimentos individuais e coletivos.

Tudo isto, aqui, foi possível a partir das histórias em quadrinho e tiras criadas por Quino, sobretudo pelas interrogações, sempre bem-humoradas, mas críticas, de uma garotinha de seis anos, Mafalda. As perguntas dessa personagem sobre os mais variados assuntos não são respondidas por ela ou por qualquer outro personagem da série.

Certamente é aí que residem a relevância e a necessidade de se trabalhar em sala de aula com esse gênero textual. Outra característica que justifica esse trabalho é o fato de os assuntos abordados nas tiras nascerem no âmbito local e alcançarem uma dimensão muito maior, capaz de poder ser interpretados em outros países, outras culturas.

A experiência de trazer algumas tiras para a sala de aula, especificamente para os alunos do segundo ano do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal de Rondônia, *Campus* Colorado do Oeste, localizado em plena Amazônia Ocidental, foi gratificante e necessária. Sem contar o fator motivador que o gênero em questão proporciona, a partir das respostas dos alunos pudemos perceber e mensurar a visão deles acerca de alguns temas como: O Capitalismo e suas consequências, o malfadado “Jeitinho Brasileiro”, os avanços dos países emergentes sobre os mercados, como é o caso da China, o comodismo e a inoperância dos governantes, as consequências inconsequentes da ação humana sobre o mundo, dentre outros.

Postos, inicialmente, na condição de leitores das tiras, os alunos foram levados, em seguida, a refletir sobre o conteúdo e as possibilidades de análise. Depois, em dupla, puderam expressar, de forma escrita, a visão sobre os assuntos abordados. Enquanto faziam as análises, iam debatendo com o colega sobre o que colocar na análise. Fato esse que, certamente, contribuiu exponencialmente para a formação crítica deles.

Pudemos, com este trabalho, perceber muitas questões. Uma delas é a urgente necessidade de promovermos em sala de aula atividades que envolvam leitura, reflexões sobre os mais variados assuntos, dentre eles os aspectos culturais que nos cercam e contribuem para a produção de discursos. Outra é o reconhecimento do fato de que, havendo um trabalho articulado, é possível alcançar resultados mais exitosos em sala de aula.

Na avaliação dos alunos, depois das atividades concluídas, o trabalho com as tiras serviu para expandirem a visão que tinham sobre alguns assuntos com os quais estão às voltas e que influenciam, positiva ou negativamente, a vida de todos. Para nós, professores, ficou a certeza de que é possível promover um ensino que leve os alunos, de fato, a uma formação cidadã. Um ensino que os possibilite serem sujeitos da própria história e não objetos dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Akahoshi, Maryam Priscilla da Silva. 2012. Gênero textual tira em sala de aula. *Diálogo das Letras*. Pau dos Ferros, vol. 1, nº 2, p.254-271, jul./dez.

Antunes, Irlandé. 2009. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial.

Candau, Vera Maria. 2014. Educação intercultural: entre afirmações e desafios; In: Moreira, Antonio Flavio; Candau, Vera Maria (org). *Currículos, disciplinas escolares e culturas*. Petrópolis: Vozes.

Dantas, Sylvia Duarte (org.). 2012. *Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais*. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Eco, Umberto. 1993. Mafalda ou a Recusa. In: Lavado, Joaquín Salvador. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes.

Marcuschi, Luiz Antônio. 2011. Gêneros textuais: configurações, dinamicidade e circulação. In: Karwoski, Acir Mário; Gaydeczka, Beatriz; Britto, Karim Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola.

Mendes, Edleise (org.). 2011. *Diálogos Interculturais: Ensino e Formação em Português Língua Estrangeira*. Campinas, SP: Pontes Editores.

Mendonça, Márcia Rodrigues de Souza. 2010. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: Dionísio, Angela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros Textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial.

Ramos, Paulo. 2009. *Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?* Estudos Linguísticos, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf>. Acesso em 20 set. 2015.

Vergueiro, Waldomiro. 2009. O uso das HQs no ensino. In: Barbosa, Alexandre; Ramos, Paulo; Vilela, Túlio; Rama, Angela; Vergueiro, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3.ed. São Paulo: Contexto.

